

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2010 - ANO XIII - Nº 167

Reprodução

EDITORIAL

Sem nos darmos conta, chegou dezembro e, com ele, o Natal.

As cidades se enfeitam ganhando ares diferentes para comemorar o nascimento de Cristo. Votos de boas festas e felicidades são trocados. Ninguém fica indiferente a esta data e aos apelos natalinos. Todos ficam imbuídos de bons propósitos. Confraternizações e festas acontecem por todos os cantos do mundo. No entanto, como ficar feliz e comemorar a data quando a mensagem do Menino da Manjedoura está cada vez mais distante de nossas vidas e ações?

No Brasil, muitas famílias não têm como comemorar o Natal, pois lhes faltam as condições básicas que lhes confirmam dignidade. Dados recentes do IBGE indicam que 5,8% de nossa população se encontram em situação de fome. São 11 milhões de indivíduos. Pior ainda: um milhão desse contingente é de crianças de até quatro anos de idade. Por que um país com uma economia de US\$ 5 trilhões consegue manter uma massa de pessoas equivalente ao da cidade de São Paulo nesta situação? Muitas são as razões. Todas elas passam pelo nosso desamor, pela corrupção e omissão. Uma das razões é que ainda temos sérios problemas de distribuição de renda. Programas sociais como o Bolsa Família, do governo federal, podem ser um lenitivo aos que se encontram em situação de fome constante. Mas significam um alívio pontual, não atingem a desigualdade em si, algo que demandaria tratamento mais profundo em aspectos estruturais de nossa sociedade.

A fome não é um fato isolado. Vem acompanhada de miséria e, principalmente, da falta de perspectivas para o indivíduo em tal situação. Sem oferecer aos que têm fome acesso aos bens da vida usufruídos pela maioria, ou seja, educação, saúde, lazer e segurança, a fome será sempre um fantasma a nos espreitar. Podemos reverter essa triste realidade se o Natal nascer de fato em nossos corações. O Deus que um dia assumiu o mundo não o abandonou jamais. O Natal não é um dia do ano, é cada dia. Porque cada dia carrega dentro de si o Menino da Manjedoura e sua mensagem.



É tempo de contemplar a criança que nasceu pobre na manjedoura de Belém para nos fazer entender que o ser humano vale pelo que é e não pelo que possui. Da humilde gruta, o eterno Filho de Deus feito criança dirige-se a cada um de nós e convida-nos a renascer n'Ele.

Natal: festa de luz e paz!

“Desperta, homem, porque por ti Deus se fez homem”. Nesta citação, o Bispo de Hipona, Santo Agostinho, no Sermão 185 (In Natali Domini) nos apresenta o autêntico sentido do Natal de Cristo.

Natal é uma festa de luz e paz, um dia de alegria que se expande no universo. O seu verdadeiro significado está na lembrança e na tradição. Sem a ternura da recordação, toda comemoração perde seu valor para tornar-se mera celebração material.

É quase impossível alguém ficar à margem do Natal. O repicar dos sinos, os alegres cânticos, o colorido das ruas, a alegria das crianças e o sentimento de confraternização contagiam a todos.

Natal é a festa da vida, da paz em família, da partilha de presentes, do encontro com o Menino Jesus que renasce nos corações, do Deus que se encarna em nossa história, para sentirmos em nós sua presença viva.

É tempo de contemplar a criança que nasceu pobre na manjedoura de Belém para nos fazer entender que o ser humano vale pelo que é e não pelo que possui. Da humilde gruta, o eterno Filho de Deus feito criança dirige-se a cada um de nós: interpela-nos, convida-nos a renascer n'Ele, para que com Ele possamos viver eternamente em comunhão.

Ao assumir nossa humanidade, Ele vem para valorizar a dignidade de nossa vida, ensinando-nos a amá-la e a respeitá-la em cada ser humano.

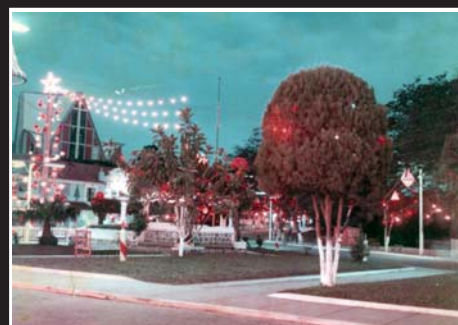
Para abençoar todas as famílias do mundo, Deus quis nascer no seio de uma família, na família de Nazaré. Essa bela experiência revivemos em nossas famílias quando nos reunimos para a “Ceia do Natal”, renovando a união e o amor. Que ninguém deixe de viver essa alegria.

Natal é também a festa dos presentes, que são pequenos gestos de amor. Para lembrar o maior momento da história da humanidade, o grande acontecimento da manifestação do amor de Deus, que veio para estar conosco e fez-se presente para nós. O presente maior é sua presença. Num mundo de trevas, surgiu a luz... Há quem ainda não tenha compreendido bem esta verdade; por isso reduz este tempo a comerciais de Papai Noel, com mera troca de presentes. No presépio, o Menino Jesus nos convida a renovar com Ele aquela intimidade de amigo e discípulo, para nos enviar, novamente, como seus evangelizadores. Devemos, nesses tempos de Natal, ir ao seu encontro, cheios de confiança, como os pastores e os sábios do Oriente.



Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Os “Natais de Sonhos” da FPV

Nos últimos anos, durante o mês de dezembro, assistimos pela televisão à movimentação que o Natal provoca nas cidades. A população se prepara para comemorar o nascimento de Jesus Cristo e a chegada do Papai Noel. Esse fenômeno midiático acontece em todo o mundo. Uma profusão de cores, luzes e sons decoram ruas, praças, lojas comerciais, residências e prédios públicos, mexendo com a sensibilidade das pessoas. Nesse período do ano, a criatividade explode em ornamentos e efeitos de luzes que seduzem a todos, principalmente as crianças. Ninguém fica indiferente ao espírito do Natal. Em algumas cidades, a decoração natalina vem atraindo, cada vez mais, turistas, de maneira que cresce anualmente o número de visitantes que as procuram.

Em Piquete, por muitos anos, a FPV distribuía para os operários, nos dias que antecediam ao Natal, brinquedos e roupas, para que fossem entregues a seus filhos menores na manhã do dia 25 de dezembro. Para muitas crianças, essas eram as únicas lembranças trazidas pelo Papai Noel.

No ano de 1963, assumiu a Direção da Fábrica o Coronel Adhemar Pinto. Festeiro, político e sensível aos problemas dos operários, mudou a sistemática da distribuição de presentes no Natal. A partir de sua administração, por muitos anos, durante o mês de dezembro, a Praça Duque de Caxias transformou-se na terra do Papai Noel, tornando-se um lugar de encanto,

sonhos e fantasia. Sob sua supervisão, funcionários do Gabinete de desenho da 4ª Divisão elaboravam projetos para decorar toda a Pracinha e adjacências. Trabalharam nesses projetos os desenhistas Ilídio Moura, Yeyé Masiero, Carminho, Geraldo Nascimento, Zé Teotônio, além de eletricitistas, serralheiros, carpinteiros, pintores... Esses funcionários deixavam viajar a imaginação, de maneira que o resultado final agradasse a todos. A cada ano um novo tema era desenvolvido. No centro da Praça Duque, uma enorme árvore-de-natal era decorada e iluminada. Personagens dos livros de estória ganhavam vida em grandes proporções e ficavam espalhados pela Pracinha para encanto e espanto das crianças. O presépio armado era um espetáculo à parte e chamava a atenção pelo apuro arquitetônico, surpreendendo a todos que, reverentes, visitavam o Menino da Manjedoura.

No dia 25, dia de Natal, logo pela manhã, a Praça era tomada pela população. Os operários recebiam certo número de tíquetes que garantiam o direito ao recebimento de brinquedos e a sorteios que aconteciam no interior do Elefante Branco durante todo o dia. Eram tantos presentes e sorteios, que todos acabavam ganhando mais de um. Barracas distribuía sanduíches e refrigerantes à vontade para as crianças. No Cine Estrela, a partir das dez horas, sessões corridas com filmes infantis com entrada franca. Um

trenzinho todo decorado, com bandinha tocando músicas natalinas, percorria as principais ruas da redondeza, lotado de crianças. Um parque de diversão, com inúmeros brinquedos até então inéditos, passou a fazer parte do Natal de Piquete. Assim, pudemos conhecer, gratuitamente, roda gigante, chapéu mexicano, barcos viking, carrossel, trem fantasma, carros de corrida, sala de espelhos e tudo de mais moderno em diversão. De Lorena chegava um trem especial à Estação da Estrela trazendo os operários que lá residiam e seus familiares para também se divertirem. É bom lembrar que não eram só os operários e seus familiares que se beneficiavam, mas sim todos os piquetenses.

Piquete orgulhava-se do Natal de Sonhos da FPV. A experiência de 1965 levou os desenhistas a darem asas à imaginação, de maneira que, nos anos subsequentes, tivemos Natal Fantasia, Natal na Disneylândia, Natal no Sítio do Pica-Pau Amarelo... Por muitos anos a cidade foi presenteada com essa festa, cuja ornamentação constituía espetáculo raro e de inesquecível beleza, em que o espírito alegre do Natal reinava absoluto. Prova disso é que, ainda hoje, quando vemos na TV as grandes cidades decoradas para as festas natalinas, com luzes e efeitos especiais, recordamos que, em Piquete, também tivemos muitos Natais de Sonho propiciados pela FPV.



GENTE DA CIDADE

Dengo

O apelido Dengo Joaquim Caetano Neto herdou de um tio, que assim era conhecido; ele era o Denguinho. Um dia, o tio foi-se embora para o Paraná e não mais voltou. Denguinho tornou-se Dengo...

Nascido em Itajubá, em 2 de março de 1940, Dengo é filho de Sebastião Caetano e Francisca Custódio Caetano. “A infância foi difícil naquela cidade mineira. Não havia empregos”. Em 1947, a família mudou-se para Piquete. O pai veio trabalhar na 4ª Divisão da FPV. Por muitos anos, morou no bairro da Vargem Grande, em terrenos da Fábrica, na bacia do ribeirão do Limeira, no caminho para o bairro das Posses. Relata que eram muitas as famílias que lá residiam: os irmãos João e Henrique Baiano, Procópio Lourenço, João Onofre, Cordeiro, Sebastião Inácio e outras. “Havia, ainda, casas para os lados do Embauzinho e no Alto do Coco”. Enquanto os chefes das famílias trabalhavam na Fábrica, mulheres e filhos cuidavam da lavoura. Plantavam muito milho, feijão, mandioca, abóbora, cana e criavam animais.

Dengo fez o curso primário no Grupo da Fábrica. A diretora era Terezinha Libanor. Cita as professoras Catarina, Marlene Sardinha, Suely Vilar... Frequentou, também, a Escola Agrícola General Osório, cujo diretor era José Leite de Souza e lembra-se dos professores Sebastião Chagas, Fausto Reis, Manuelina Alves. Nesta escola aprendeu o cultivo da lavoura e a criação de animais. Por um tempo, foi responsável pelo tratamento, com folhas de amora, do bicho da seda. Foram seus colegas: Catrica, Dito Cuzaruim, Dito Noventa, “Tempos bons foram aqueles... Pena que não voltam mais, pois deixaram muitas saudades”.

Dengo recorda que a Granja São Miguel, próximo à sua casa, era um bonito lugar pra se visitar. “Lá havia de tudo que o operário precisasse – gansos, pato, peru, cabrito, carneiro, lebre... Podia-se comprar quando quisesse e era tudo barato... Os operários tinham uma caderneta, na qual eram re-



gistradas as compras para pagamento posterior”.

Morou na Vargem Grande até os dezessete anos, quando foi para o quartel. Depois desse período, a família comprou uma casa na Vila General Osório e para lá se mudou. Terminado o serviço militar, Dengo foi admitido na Fábrica para trabalhar na 3ª Divisão, na fabricação de explosivos. Lá ficou por 28 anos. “Assisti a muitos acidentes graves, explosões em que perdi amigos. Mas, graças a Deus, me livre...”

Em 1981, Dengo se aposentou. Passou, então, a trabalhar como pedreiro, soldador, cuidando de roças e pastos, a fim de complementar o orçamento da família.

Casado desde 1962 com Aydê Moreira da Silva Caetano, tem seis filhos e “um punhado” de netos.

Nos últimos quatro anos, Dengo vem trabalhando com a Fundação Christiano Rosa, num projeto de recomposição de mata ciliar na bacia do ribeirão do Limeira. “Conheço bem aquela área. Na minha infância, o rio tinha mais água, peixes e camarão. Eu passava boa parte do dia dentro d’água, mariscando.”

“Gosto muito de trabalhar com a Fundação. Gosto tanto, que sinto falta nos dias que não tem trabalho”, diz seu Dengo. “Só agora, com ela, é que tomei consciência da importância do plantio de árvores e da preservação do meio ambiente. Hoje sei que esse trabalho vai garantir a água e o ar puro não para mim, mas para meus netos”, ressalta consciente.

No Natal, uma reflexão sobre o crack

Uma reflexão que nos cabe neste período de festas natalinas e de ano novo é sobre o crack, que vem se infiltrando em muitos lares, destruindo nossas famílias.

O crack chegou ao Brasil há algum tempo. A princípio, às periferias das grandes cidades, atingindo a população mais pobre. Hoje, esta droga atinge a classe média e seus estragos são grandes. Tornou-se um problema de saúde pública tão grave que levou Dilma Rousseff, em seu primeiro discurso como presidente eleita, a dizer que o governo não deveria descansar enquanto existissem o crack e as cracolândias. Esse posicionamento de Dilma não foi à toa. Estima-se que, no mínimo, 600 mil brasileiros sejam dependentes desta droga – variante devastadora da cocaína – que mata 30% de seus usuários no prazo máximo de cinco anos.

Comparando com outras drogas, o crack é, sem dúvidas, a mais nefasta, porque produz dependência rapidamente. Sob a compulsão pela substância, o usuário desenvolve comportamentos de risco que podem chegar à atividade criminosa e à prostituição.

O crack é um desafio para a segurança pública. Uma epidemia que vem se espalhando das capitais para as pequenas cidades do interior. Jovens e adolescentes, em sua quase totalidade pobres, são as vítimas principais. Ao seu lado, impotentes e derrotados, os familiares. A expectativa é que os problemas relacionados ao consumo do crack levem nossas autoridades a traçar políticas concretas para sanar esse problema. Da população, espera-se que se mobilize para cobrar essas ações de seus representantes.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.





Normalistas

Nós, os alunos da primeira turma da Escola Normal Livre “Duque de Caxias”, éramos, em Piquete, vistos como diferenciados, distinguidos com uma aura de respeitosa admiração. Para nossos parentes e amigos, vistos como privilegiados pelo saber na honrosa profissão de professor. Preparando-nos para liderar a infância e a juventude com nossos proveitosos estudos e dignos exemplos, iríamos ensinar as crianças. Bafejados pela missão considerada de destacada importância. Mas também éramos muito cobrados. Exigiam-nos eficiência, dedicação, seriedade e bom comportamento. Não nos faltavam apoio e entusiasmo. Nossos pais desdobravam-se para nos oferecer o que possuíam de melhor: não só sobrevivência, mas também carinho, estímulo e uns bons “pitos” quando eram necessários. Hoje, chamam de “bronca” aos “pitos” do nosso anterior contexto. Reforçadores da hierarquia.

Mas, como era bom sermos normalistas, com nossas presenças nas festas, nas paradas cívico-militares, sob ordem de comando, em “ordem unida”, ao som da banda e da fanfarra. E também nas ruas, indo e vindo das aulas – uniformizados e em bandos. Admirados, passávamos garbosos, o peito inflado e o passo certo nas paradas ou desfiles. O nosso era o batalhão escolar da frente. Tempos da Reforma Capanema. As moças bonitas a despertar suspiros, os rapazes garbosos a suscitar “ais”. Graças havia, não poucos, no limite da vida social, além dos aplausos, e os bons (e alguns “maus”) conselhos, – dependendo do ponto de vista.

Éramos intensamente vigiados. Os filmes, no cinema, nos mostravam a vida lá fora. E gostávamos de acompanhar as tendências da moda. Íamos aos bailes, isto é, quando os pais permitiam e nos acompanhavam, senão os tios e os “mais velhos”, gente de respeito. Casamentos eram projetados. Já havia um casal devidamente sacramentado: a Rosina e o Augusto. Outros já estavam casados e tinham filhos, antes mesmo de entrar na Escola Normal e já com profissões de trabalho. Alguns lecionavam sem ainda o diploma requerido. Portanto, a Escola Normal vinha a calhar. A disputa pelas notas era grande, havia quadro de honra para os cinco primeiros colocados nas provas parciais e principalmente nas finais. A última de todas garantia medalhas de honra ao mérito. Homenagens e destaques. Alguns pais a impelir para as classificações – afinal, espelho social polido e lustrado pela glória familiar. Na verdade, pela necessidade da renúncia a alguns prazeres, para “queimar as pestanas”, ter pesadelos, sobressaltos e amarguras... invejas, ódios, competitividade, ansiedades, angústias que podiam ser temperados no agradável convívio da turma e dos mestres, em geral muito queridos e admirados.

Ah! Os uniformes que vestíamos – eram vários: de uso diário, de gala, de educação física e uma série de detalhes que a Maria Odaísa da Costa Frota propunha, inventava, nos seduzia e transformava em ponto de honra – sem querer recuar, quando se opunham os pais, pelo excesso dos gastos. Éramos filhos de operários – meu pai repetia isso para fazer pensar sobre o exibicionismo, do qual nos tornávamos presas fáceis. Principalmente as meninas. Mas os meninos tinham uma dose de vaidade disfarçada. Odaísa ficava empolgada, ou se propunha impositiva, até com o diretor e a secretária, ou se propunha sedutora, a fala macia, para nos tornar

cativos de sua liderança. Nossa estilista.

E tudo foi muito bom e muito lindo. Uma experiência inesquecível. Afinal, ela trazia do Rio, do Colégio Lafayette uma aura invejável.

Lembro-me de nossas aulas práticas com as crianças do primário e do pré-primário. Nossos planos de aula eram elaboradíssimos. Próprios de escola-modelo. Tenho compartilhado com Francisco Máximo essas memórias e esse exercício nos garante a juventude. Acho que foram os melhores anos de nossas vidas. Ríamos descontraídos de tudo... desafiávamos as ordens, mas cumpríamos tudo. Éramos extremamente exigentes com nossos professores. Não preparasse a aula para ver! Ficávamos inquietos, turbulentos, com risinhos e chacotas, abrindo balas com barulho na retirada dos invólucros e com ruídos desagradáveis nas línguas e dentes ao chupá-las em plena aula. Atrevidos e inconsequentes. Amsados pelo diretor a nos prometer horrores: anotação nas cadernetas escolares, por exemplo. Como temíamos! Só queríamos elogios.

Cantávamos divinamente no orfeão.

Éramos tão autossuficientes, que nos atrevíamos a nos apresentar em forma de coral sem maestro. Raras vezes deu certo. Houve uma delas, em que, numa cerimônia importante no cinema, demos o maior vexame. E terminamos tudo numa gargalhada geral, tão boa, que até nos causou algumas lágrimas.

Como tínhamos alguma noção do ridículo, nos arrependemos do atrevimento, e aprendemos a lição. Suponho que sim. Mas não éramos nada humildes.

Ao prepararmos nossas aulas para a avaliação de Dona Ricarda Godoy Lopes, víamos-nos como ilustres capacitados. E ela, a nos chamar para a realidade, com sua fala competente e mansa. E nós a nos iludirmos em fazer idealisticamente um ensino modelar. A professora, compassiva, nos estimulava – chegou a criar um museu pedagógico para abrigar nossos planos e materiais didáticos. Mas nós, se sofriamos no contato com as crianças peraltas e mimadas descontávamos no recreio, no pátio, território neutro, longe dos olhos da professora Ricarda.

Sorratamente, por exemplo, beliscávamos a “Pimentinha”, uma dessas menininhas enjoadas, cheias de não-me-toques. E dávamos belos e disfarçados beliscões. Ela nem sabia quem os dava, porque a pegávamos no meio de outras crianças, que acabavam levando a culpa.

Rompemos fronteiras.

As excursões que fizemos foram inesquecíveis. Fomos ao Rio de Janeiro liderados pelo professor Leopoldo Marcondes de Moura Neto e o Major Luiz Faro, como Chefe do Departamento Educacional.

Visitamos museus, os pontos turísticos mais famosos, os lugares belos. Fomos bem recebidos e hospedados.

Estivemos em um Congresso de Educação Rural, em São Carlos, SP. Apresentamos e defendemos tese, a qual foi a vencedora do certame e nos encheu de orgulho, assim como ao nosso orientador, o professor José Geraldo Evangelista, o chamado “seu Zito”. E nós, a levar o nome de Piquete para frente.

Terminamos o curso numa grande celebração, com tudo que se possa imaginar em termos de formatura. Missa solene e colação de grau. Diplomas entregues em alto estilo, os formandos chamados ao palco, e seus paraninfos. No Cine

Estrela do Norte, 27 de dezembro de 1952.

A platéia lotada. Vibrante. Fascinada. Nós, lindos, de uniforme completo. Ganhamos um belo presente, individual, de nosso paraninfo de turma, o abnegado batalhador professor e diretor Leopoldo Marcondes de Moura Neto. Das meninas, me lembro, que podiam escolher em um catálogo, um medalhão banhado a ouro, de fino labor, ou um anel igualmente fino. Dos meninos, não me lembro. Ainda tenho meu medalhão. Guardo-o com emoção e carinho.

Preparamos uma peça musical para o canto de despedida. Mudamos a letra de música consagrada. Elzira Ferreira nos ofereceu a casa para os ensaios. No piano atuava com garbo e exigências.

Lembro-me das primeiras estrofes “Adeus, casa bendita do bem”, e por aí ia numa eloquente e já saudosista partida daquela maravilhosa escola que nos deu norma eficiente de trabalho, vontade de crescer, produzir e bem frutificar. Minha memória apologética não é, absolutamente nostálgica. Mas feliz e cheia de vida.

No baile de formatura dançamos belamente nossas valsas e outros tantos ritmos. Todos bem vestidos. Rodopiamos felizes no salão do Grêmio Duque de Caxias (o atual Elefante Branco). Um lustre de plaquetas de espelhos de cristal rodopiava iluminando nossas figuras empolgadas, porejantes de ânimos. As valsas vienenses – várias – faziam-nos esvoaçantes ao ritmo e ao embalo de nossos parceiros. Rodopiávamos, ébrios de prazer. Nossos pais lá, estourando de orgulho. O futuro nos aguardando, o passado já acalentado nos refulhos do tempo passado, na glória de termos sido jovens, estudiosos, ansiosos e completamente entregues ao sabor de nos tornarmos professores. No aguardo de sermos bons professores, como nos mostraram nossos mestres ser a glória e o bem supremo.

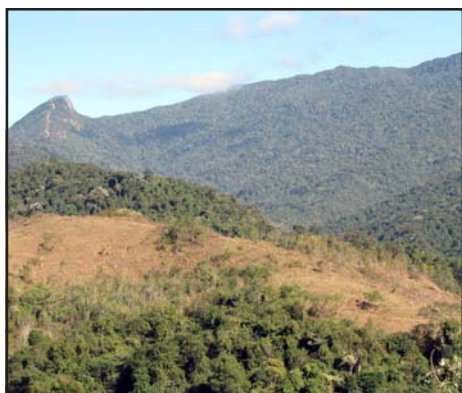
Já comemoramos o cinquentenário dessa formatura e dessa história. E nós, que ainda estamos por aqui, sejamos testemunhas fiéis do que Piquete já teve de melhor e pode continuar a tê-lo, porque o passado é a nossa casa, precisa ser valorizada. O presente é a nossa atualidade saudável, e o futuro, a nossa esperança e motivo de fé. Cumprimos funcionalmente nossa missão, e continuamos a ensinar, como gostávamos e gostamos de aprender.

Foi com emoção que Maria Terezinha Maduro contou-me ser um prazer comemorar, a cada ano, o aniversário natalício no primeiro dia de aula do ano letivo. Como um presente renovado a cada ano. Dizia para a mãe “Ganhei trinta e seis, quarenta crianças”.

No início do baile de formatura, em dezembro de 1952, o cortejo entrou par em par. A música ressoou e os olhares se concentraram nos pares. As moças de vestidos longos, armados e brancos nas rendas, nos laços, nas flores, a tresandar romantismos. Os rapazes, sedutores em seus smokings negros, camisas brancas e sapatos lustrosos, vetustos, como deveriam parecer os trajes masculinos de cerimônia. Entretanto, o tom era dado pelos rostos joviais, bem escanhoados, os cabelos alinhados e as posturas elegantes. Um tanto expectantes e desafiantes. Rodopiavam os pares nas valsas do Imperador, dos Contos dos Bosques de Viena, do Danúbio Azul. Vivíamos a eternidade do momento e aquele momento realmente se eternizou.



Fotos arquivo Pro-Memória



A Importância da Preservação ambiental

Várias são as organizações que nos dias atuais pensam numa sociedade ecologicamente correta. Mas sejamos objetivos: será que todas as empresas, entidades ou até mesmo órgãos públicos tomam atitudes que visam ao bem estar e à preservação de nosso meio ambiente?

O tema é polêmico e vasto. A questão ambiental tem ocupado, nos últimos anos, grande espaço nos meios de comunicação, uma vez que o aquecimento global se mostra cada vez mais presente no planeta. Os últimos relatórios dos encontros mundiais que discutem o meio ambiente são totalmente desfavoráveis, o que nos preocupa muito. É preciso que a sociedade se mobilize e participe de ações que venham contribuir para a melhoria do meio ambiente. É preciso, também, cobrar de nossos governantes ações efetivas, uma vez que de discursos estamos todos cheios. Enquanto se perde tempo com “lero-lero”, perdemos, diariamente, um pouco de um dos mais ricos biomas do planeta – a Mata Atlântica, e, com ela, sua biodiversidade. Falar em meio ambiente é falar em atitude, uma vez que os problemas ambientais existem, são graves e é de extrema importância para todos a sobrevivência do planeta.

A Fundação Christiano Rosa e o Meio Ambiente

Desde sua instalação, em 1997, a Fundação vem trabalhando para a preservação da Mata Atlântica. Reuniões, palestras, seminários, cursos e capacitações foram feitos em Piquete e em outras cidades valeparaibanas visando a sensibilizar a comunidade para a importância desse bioma. Muitos talvez não saibam, mas a Fundação Christiano Rosa vem desenvolvendo importantes projetos para nosso município, para o Vale do Paraíba e o

Estado de São Paulo. Atualmente, vem tocando dois projetos: “Plano de Bacia do Paraíba do Sul” e “Elaboração de subsídios para revisão do Plano Estadual de Recursos Hídricos”. Neste ano, a Fundação tornou-se membro do Conselho Estadual de Meio Ambiente (CONSEMA).

Ao longo desses anos de trabalho, a Fundação constatou que são muitas as dificuldades para o desenvolvimento de projetos ambientais. Um grande desafio é o de trabalhar a conscientização e o envolvimento da sociedade nas questões ambientais. Em Piquete observa-se que, aos poucos, a população vem se conscientizando e questionando os agravos ambientais. Falta, ainda, o comprometimento com ações preservacionistas. Muitos querem participar de algum trabalho, mas não sabem como.

Piquete está todo inserido dentro do bioma Mata Atlântica. Vivemos cercados pela Mantiqueira e por um mar de morros que precisam ser preservados e recuperados. Nossas nascentes estão quase todas descobertas, precisando ser revegetadas. Assistimos, dia-a-dia à redução do volume de água de nossos rios, ao desmoronamento de encostas e ao assoreamento da calha de nossos ribeirões devido à erosão. Se Piquete mantém significativos fragmentos de Mata Atlântica e é privilegiado pela natureza com suas inúmeras paisagens, cresce nossa responsabilidade em preservá-la. Há muito a ser feito, mas é preciso maior engajamento de todos nessa luta que está apenas começando.

A Busca por Parcerias

A Fundação Christiano Rosa vem trabalhando para sensibilizar nossos governantes e a comunidade para a importância de se preservar a Mata Atlântica no

município. Consta-se que a população, à medida que vem se esclarecendo, torna-se sensível e busca colaborar. Quanto às nossas autoridades... faltam ações efetivas.

Uma parceria de sucesso feita pela Fundação foi com a FPV/IMBEL. Com a responsabilidade de uma empresa cidadã, preserva um dos mais ricos fragmentos de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. São quase 3 mil hectares de inquestionável riqueza avalizada por iminentes cientistas.

Por meio da parceria com a FPV/IMBEL, a Fundação Christiano Rosa, nos últimos anos, elaborou e vem desenvolvendo um projeto de recuperação de mata ciliar ao longo do Ribeirão Limeira, que tem suas nascentes na mata da FPV. O objetivo é plantar, em etapas, espécies nativas da Mata Atlântica regional, formando um corredor ecológico. Já foram plantadas mais de 50 mil mudas de aproximadamente 90 espécies. Atualmente, uma nova etapa desse projeto vem sendo desenvolvida: foram cercados 9 hectares em terras da IMBEL e estão sendo plantadas mais 16 mil mudas.

A Produção de Mudas

Fator importante nos projetos de recuperação de mata ciliar é a produção de mudas. A Fundação Christiano Rosa mantém um viveiro e vem produzindo grande parte das mudas plantadas em seus projetos. Grata surpresa é ver que Kiko Ribeiro, capacitado em um curso de viveirista ministrado pela Fundação, tornou-se referência regional em coleta de sementes e produção de mudas nativas. Conhece como poucos os fragmentos de mata do município e sabe localizar as matrizes. Assim, sementes de cedro, jequitibá, jatobá, guatambu, entre outras mais de 100 espécies da Mata Atlântica, são por ele coletadas.



Crônicas Pitorescas

Órbita mútua

Palmyro Masiero

Na belíssima varanda da fina residência, com vista aberta para o mar, noite quente e límpida, pertinho de uma das famosas praias de Caraguatatuba, quatro casais acomodados em redes e cadeiras conversavam animadamente. Três dos casais eram relativamente jovens, enquanto o quarto estava na casa dos setenta. O assunto era variado e discutia-se desde problemas normais do dia-a-dia até reminiscências familiares, já que eram mais ou menos ligados ao mesmo tronco.

Conversa sem rumo é como barco à deriva, razão pela qual pode ancorar em qualquer porto ou mesmo encalhar em ponto indeterminado. E foi o que aconteceu... Levada pela corrente, a conversa embarçou-se num recife do noticiário e estacou na polêmica sobre a liberalização da mulher. A discussão começou em banho-maria, amena, já que ninguém tinha coragem de colocar ardor nas defesas e ataques. Mas... Vocês sabem... Às vezes, uma palavra mal dita vira maldita e pode descambar para uma troca de insultos e o caldo ferver... E o fogo da polêmica estava começando a crepitar com mais entusiasmo.

A vivência é a grande amiga da precaução e, antes que a coisa pudesse chegar a um ponto crítico, o patriarca da turma ali, de bem vividos setenta e cinco anos, que, como sua esposa, ainda nada dissera a respeito, tomou da palavra e sugeriu que se fizesse um jogo. Explicou, então, as regras: primeiramente, as mulheres deveriam falar palavras femininas que significassem coisas boas e puras do mundo. Logo após, os homens deveriam pronunciar palavras masculinas com significados altruísticos. Terminada essa rodada, na segunda, as mulheres deveriam falar das masculinas com conotações negativas e os homens pro-

nunciar vocábulos femininos com significados repulsivos. O casal de anciãos não participaria dessas fases. Para os dois, ficariam as palavras finais, quando, então, discutiriam sobre o resultado encontrado.

Vamos resumir em algumas palavras o que disseram as mulheres dos belos termos femininos: felicidade, paz, justiça, piedade, fraternidade, amizade...

Algumas palavras masculinas ditas pelos homens: amor, caráter, destino, princípio, beijo, abraço...

Na rodada seguinte, as madames deveriam dizer os vocábulos masculinos maléficos: orgulho, ódio, ciúme, crime...

Os machões jorraram os deles: guerra, fome, miséria, dor...

É evidente que encontraram palavras pra mais de metro... O que demos aqui foi uma pequena amostragem. Vamos considerar esses dois tempos como jogo empatado. Esperavam, agora, a vez do casal de velhos, que se sentavam unidos numa mesma rede.

Ela, cabelos branquinhos, olhando para ele disse a palavra feminina mais representativa:

– A vida.

Olhando-a meigamente, o velho companheiro deu a sua parte:

– O universo.

Chegara a vez de ela dizer o pior termo masculino. Segurando a mão dele, ela disse:

– O homem.

Com um braço enlaçou-a bem junto de si, enquanto dizia a pior palavra feminina:

– A mulher.

Por instantes ficaram estáticos diante do fraternal abraço do casal. Isso acabou por provocar uma confraternização entre gregos e troianos. Um vento mais forte desencilhou o barco que rumou para novos assuntos.

Soneto de Natal



Um homem – era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno –,
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
“Mudou o Natal ou mudei eu?”

Machado de Assis (1839 - 1908)

Pé de araquá

Edival da Silva Castro

Brincar, brincar, brincar... Essa era a chamada das crianças residentes à Avenida General Gomes Carneiro nos anos dourados de nossa querida infância.

As brincadeiras eram muitas: futebol, chicotinho queimado, estrear nova sela, jogo de botões, bolinha de gude, bété, bafo, fincão, breque, queimada, peteca, pinhão, empinar pipas nas tardes vagas e calorentas, brincar nas águas pouco recomendadas do ribeirão Sertão.

Somente dois motivos nos afastavam das brincadeiras: quando estávamos na escola ou quando tirávamos o dia para andar pelos campos adjacentes da Avenida na busca de frutos silvestres como araquá, goiaba, amora, moranguinho, pitanga... Na época das mangas, nosso endereço eram as mangueiras da Estrela, onde passávamos horas e horas pendurados nos galhos altos das mesmas à procura das mangas amarelinhas.

Dos frutos que corríamos atrás, os mais saborosos eram as amoras. Às vezes, chegávamos de mansinho sob as amoreiras do seu Viana e surpreendíamos aves de grande porte como uru, inhambu, jaú, jacu e muitas outras que não conhecíamos deliciando-se com as amoras graúdas, pretinhas e doces. No araçazeiro que existia no meio do eucaliptal acima do quintal da última casa do corredor da Avenida, a qual pertencia ao saudoso seu Amâncio, geralmente os frutos que colhíamos estavam todos bicados pelos pássaros. Os araçás são frutos pequenos, doces, arredondados, com sementes, lembrando uma goiaba. A polpa varia conforme a espécie. Esses frutos eram os preferidos das aves frugívoras.

Hoje, é raro deparar com um pé de araquá por aí. Talvez aquele daqueles tempos esteja por lá ainda, quem sabe! Velho, lânguido, desfolhado... Somente voltando para conferir “in loco”...



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta



Dizem que o Natal mudou...

Vivem dizendo por aí que o Natal mudou, já não é o mesmo, tornou-se festa do consumo, que o presépio ficou esquecido e deu lugar ao Papai Noel. Talvez não seja o Natal que tenha mudado, mas as relações, a sociedade, o modo das pessoas viverem. Na verdade, acho que o mundo nunca deixou de se transformar, e nessas mudanças todas é preciso reinventar o Natal.

Não vejo o Papai Noel como rival do presépio. Essa figura tão cara a todos nós foi inspirada em um bispo do século IV, da cidade de Mira. Os cristãos sempre tiveram na figura do seu bispo um pai, um pastor. São Nicolau, fiel aos princípios evangélicos, se esmerava em fazer o bem, especialmente aos mais pobres, sobretudo em época de Natal. Ele personificou a generosidade cristã porque foi, de fato, um bom velhinho. Se o presépio nos recorda a generosidade divina que nos deu Jesus como luz a iluminar nossas trevas, o Papai Noel nos ensina a generosidade humana, expressa na partilha de dons da noite de Natal. Não é preciso “atacar” a figura do papai Noel para salientar a do menino de Belém. Ambas trazem uma mensagem de bondade e geram luz, vida e alegria em plena escuridão da noite de Natal. O menino na manjedoura e o bom velhinho, cada qual à sua maneira, nos inspiram sentimentos fraternais de perdão, acolhimento, simplicidade e amor, pois nos



colocam em contato com a benevolência e a ternura.

A tradição do Natal conserva figuras extremamente humanizantes. Talvez os tempos atuais estejam carecendo de imagens de pureza e bondade. Outro dia ouvi de um amigo que o Natal é um momento do ano que lhe causa muita tristeza; ele me disse não gostar dos enfeites e luzes com as quais as pessoas costumam ornamentar suas casas e outros locais onde vivem. Em sua morada não se externaliza nada, não se coloca enfeite algum. Fiquei intrigado e quis saber o motivo. Ele me disse: “Meu pai me bateu no rosto em uma noite de natal”. Entendi tudo... Sem bondade, sem amor, sem

generosidade, não há Natal. Fica difícil ir ao presépio ou acreditar no Papai Noel, o bom papai que vem no Natal, não só a nos dar presentes, mas também nos ensinar a presentear com gratuidade.

Não colabora com o espírito natalino de amor e cuidado quem fica por aí dizendo que o Papai Noel não significa nada, que não existe. Quem fala assim não entende que o ser humano – homem e mulher – é simbólico e precisa de imagens que expressem suas crenças, seus sentimentos, que o ajudem a entrar em contato com o que há de melhor em sua própria humanidade. O símbolo natalino do Papai Noel não deve ser agredido e criticado. Deveríamos, antes, nos perguntar o motivo pelo qual alguns de nós não conseguimos mais ver nele aquilo que ele poderia expressar. Precisamos de experiências de bondade todos os dias. Na noite de Natal, vamos ao presépio, façamos nossas preces, contemplemos a generosidade divina a nos dar um menino como luz. Não deixemos, porém, de apoiar as “andanças” do bom velhinho, o Papai Noel, pois, mesmo num mundo consumista que tanto instrumentaliza sua imagem, ele pode nos ajudar a não esquecer que a humanidade precisa ser generosa.

Como costuma dizer o bom velhinho: Feliz Natal a todos!

Pe. Fabrício Beckmann

De que lado está Deus?

O programa “Esporte Espetacular”, da Globo, no dia 5 de dezembro, apresentou uma entrevista com o tenista americano André Agassi, um dos seis atletas que venceram os quatro torneios do Grand Slam, famoso circuito deste esporte. O ex Número 1 do tênis mundial esteve no Brasil para uma partida amistosa contra Gustavo Kuerten, em comemoração aos dez anos da chegada do brasileiro ao topo do prestigiado ranking da ATP, justamente após uma vitória sobre Agassi, em 2000, no Masters de Lisboa.

Conhecido internacionalmente por sua rebeldia, André Agassi lançou uma biografia na qual relata que, por um bom tempo, teve uma relação de “amor e ódio com o tênis”. Na entrevista, conta que o pai o obrigava a jogar tênis, esporte individual, e que ele preferia o futebol, esporte de equipe. As roupas coloridas e os cabelos longos, por exemplo, incomuns neste elitizado esporte, foram, de certa forma, uma maneira de protestar. O tenista diz, ainda, que chegou a usar drogas para “fugir da realidade”, e que isso o ajudava a “aturar” o mundo do tênis. Detalhes à parte, o que importa é que Agassi tornou-se, na opinião de muitos, um dos melhores tenistas da história.

Não sou um aficionado por tênis. A entrevista me chamou a atenção justamente

pela aparente franqueza com que um ídolo como Agassi expõe suas frustrações, angústias e medos; por isso continuei assistindo. Em determinado ponto, Agassi relata que em todas as partidas invocava sempre a proteção de Deus, visando à vitória. Quando perdia pontos ou era vencido ao final, questionava-se sobre por que fora esquecido por Ele. Solidarizei-me com o atleta derrotado... E percebi o quanto egoístas, o quanto mimados somos. Não aceitamos a derrota... E a arrogância é tanta, que nem consideramos a possibilidade de sermos inferiores ao adversário – seja ele qual for; o motivo da derrota é sempre o esquecimento por parte de Deus.

Vamos lá, meu amigos... O mundo tem mais de seis bilhões de pessoas e Deus tem que olhar por todas. E não se esqueçam de que também a natureza é criação d’Ele...

É certo que Ele está ao lado de todos em todos os instantes. Ele é onipresente, meus caros. Não podemos nos esquecer, porém, que não podemos esperar que Ele faça tudo por nós. Para ilustrar melhor o que tento lhes passar, veio-me à memória uma mensagem que conheço como “Pegadas na areia”. Nela, assim como Agassi, alguém questiona de Deus onde Ele estava nos piores momentos de sua vida – representada por dois pares de pegadas em uma caminhada na areia da praia – se justamente

naquelas passagens havia somente um par de pegadas. Ao que é respondido: neste momento, eu o carreguei no colo. Não preciso dizer mais nada, certo?

Nosso egoísmo nos cega a ponto de acharmos que devemos ser atendidos em tudo o que pedimos. Somos crianças mimadas crescidas... Não entendemos que derrotas devem servir como pontos de avaliação de nossos limites, de nossas necessidades de superação ou de mudança de rota. Deus nos orienta por meios diversos e temos que ser inteligentes o suficiente para captar Suas mensagens e entendê-Lo. Se em algum momento perdemos algo que nos era muito caro, devemos acreditar que havia um propósito; mais adiante, aquela perda certamente nos será recompensada.

No mês em que comemoramos o nascimento do filho de Deus, tocou-me positivamente a entrevista de André Agassi. Todos temos alegrias e perdas. Saibamos, baseados na experiência de Cristo na Terra, que seremos, certamente, vitoriosos em algum momento à frente. É isso que o Natal vem nos mostrar. É isso que Agassi aprendeu e, segundo suas próprias palavras, o faz muito mais feliz. Um ótimo Natal a todos e um 2011 cheio de novas derrotas vitoriosas ao lado d’Ele.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Iconografia do Natal

A **iconografia** (do grego “*Eikon*”, imagem, e “*graphia*”, descrição, escrita) é uma forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema.

A iconografia estuda a origem e a formação das imagens. Na indústria editorial, a iconografia é a pesquisa e seleção das imagens que serão publicadas em um livro, seja como tema principal da obra ou como complemento de um texto. A pesquisa iconográfica pode enriquecer um texto sobre um período histórico com imagens de esculturas, obras arquitetônicas, quadros ou fotografias de pessoas. O pesquisador iconográfico pode ser funcionário da editora

ou um profissional independente. A iconografia de uma obra editorial é o conjunto das imagens que integram essa obra, seja um livro, série ou coleção.

A iconografia do Natal

Basta uma procura por imagens de “Natal”, na internet, e uma lista imensa de imagens sobre o tema se apresenta disponível. É possível conhecer as obras de renomados pintores de todas as épocas, disponíveis apenas em museus antes da evolução da rede de computadores Internet.

É possível, ainda, contextualizar as imagens por meio das pesquisas realizadas sobre muitas dessas obras que resgatam o

momento histórico em que foram produzidas, identificando, por exemplo, os mecenas que possibilitaram aos artistas da época viver de seu trabalho e legar-nos as mais belas obras de arte produzidas pelo homem.

O tema do Natal é dividido na iconografia em 3 momentos: a **Natividade**, a **Adoração dos Pastores** e a **Adoração dos Reis Magos**, apresentados nas ilustrações deste texto em trabalhos de Giotto, Murilo e Andrea Mantegna, respectivamente.

Sugere-se um passeio na internet à busca por outras imagens. É uma aula de história. E é um privilégio apreciar trabalhos dos maiores gênios da pintura.

Refinamento e Civilidade

Pessoas de fino trato são as que sabem comportar-se em qualquer lugar ou situação. Sabem cumprimentar nobres e autoridades; escolher o traje adequado para cada cerimônia; usar copos e talheres à mesa; saber dirigir-se a qualquer plateia e despertar a sua atenção; transitar com desenvoltura no mundo das artes e dos esportes sofisticados.

Hoje, existem cursos de boas maneiras ou etiqueta. Antigamente, as famílias ricas matriculavam suas filhas em internatos religiosos, para que aprendessem com as freiras a administrar bem as casas das fazendas e a receber com elegância os amigos e sócios do marido e respectivas famílias.

Civilidade não se confunde com refinamento. É o básico da convivência, usando uma expressão bem moderna.

Vamos socorrer-nos do Aurélio: “Conjunto de formalidades observadas entre si pelos cidadãos em sinal de respeito mútuo ou de consideração”.

Exemplo corriqueiro: à noite, diminuo o volume do rádio ou da televisão, porque minha vizinha entra no turno das seis (6) horas.

A complexidade das relações humanas vai atribuindo graus de importância às

atitudes. Muitas vezes, certos comportamentos chegam mesmo ao limite do perigo.

Nesta semana, a televisão nos mostrou o caso da menina que conseguiu sair do guarda-roupa em que tinha sido aprisionada pelo sequestrador e ligou para o 190. Se a policial que atendeu não fosse mãe e não insistisse que a criança fornecesse por menores, poderia desligar pensando tratar-se de um dos milhares de trotes que o 190 recebe todos os dias.

No entanto, a menina está salva e o bandido recolhido ao lugar conveniente.

Garanto que, depois deste episódio, muitas crianças e adolescentes vão deixar de brincar com o telefone da Polícia e do Corpo de Bombeiros.

Infelizmente, neste início de século vinte e um, a convivência humana parece estar sendo regida pela incivilidade.

Não se trata apenas de uma incivilidade de negação: a do não cumprir, a do não cumprimentar, a do não ser prestativo.

É uma incivilidade da ação, em que as pessoas se agridem propositadamente.

Ambientes tradicionalmente de respeito como escolas e quadras esportivas têm sido palco de graves ofensas gratuitas e até de crimes. Grupos de estudantes intimidam colegas por motivos fúteis. Torcidas orga-

nizadas agridem esportistas que preferem outras equipes.

As ofensas morais podem ser diretas ou através do computador.

Muitos jovens se sentem tão intimidados, que se afastam das escolas e dos estádios.

Está na moda usar os termos do inglês “bullying” e “cyberbullying” para disfarçar a clara incivilidade, a nua grosseria e a indiscutível falta de educação.

Estamos em um país democrático. Em nenhum lugar se pode permitir que crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência sejam sistematicamente ofendidos por pessoas despreparadas para o convívio social.

A escola pública precisa alertar os pais e realizar um trabalho cuidadoso para desviar nossa juventude destas práticas agressivas, humilhantes, que devem ser caracterizadas como tortura.

Estamos sempre apregoando os direitos humanos. Não raro, empunhamos estandartes pedindo paz.

Podemos esperar paz em um mundo coalhado de aprendizes de torturadores?

Abigail Lea da Silva
